

RELAÇÕES COM INVESTIDORES

Em contagem regressiva

Márcio Veríssimo*

O grande objetivo do governo federal hoje é o PAC, programa para acelerar os investimentos e o crescimento. A idéia é acabar com os gargalos em infra-estrutura que obstruem o dinamismo da economia. Embora o programa tenha seus méritos, vale lembrar que o motor principal de toda economia é o investimento privado.

Nesse sentido, poucas coisas têm tanta influência sobre o volume de recursos que entram no país como o grau de investimento. Ele é obtido quando as agências classificadoras de risco consideram um país (ou empresa) como investimento seguro. Atualmente, o Brasil é listado no grau especulativo. Por isso, obter o grau de investimento deveria ser uma meta a ser conquistada o quanto antes.

Em última instância, o que esses ratings avaliam é: o país ou companhia vai pagar sua dívida? Nesse sentido, a avaliação é a mesma que se faz ao se conceder crédito de pessoa física, como o tamanho da dívida em relação à renda, se o tomador tem um bom histórico de pagamentos, a capacidade do tomador de enfrentar turbulências e o acesso a recursos para pagar a dívida.

Nessa linha, temos evoluído com o superávit primário, que gera recursos para reduzir a dívida, e elevados superávits na balança comercial, aumentando nossas reservas em dólares. Elas nos protegem contra turbu-

lências de curto prazo e permitem que se façam pagamentos ao exterior sem acabar com nosso estoque de moeda forte.

Essa tendência têm patrocinado a melhora do rating do Brasil nos últimos anos. A expectativa é de que o grau de investimento venha até 2008. O fato novo é que a revisão do IBGE trouxe um PIB maior do que antes. Desse modo, a relação dívida/PIB diminuiu, melhorando um dos mais importantes indicadores avaliados pelas agências. Vale lembrar que um país considerado grau de investimento costuma ter uma relação dívida/PIB na faixa dos 30%, enquanto a do Brasil ainda está acima de 40%. Não deixa de ser uma evolução, já que estávamos em quase 50% há poucos anos.

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, aproveitou o bom momento para dizer que as agências estão subestimando o Brasil e que vai se reunir com elas para discutir o rating brasileiro. Em parte, isso reflete a nossa cultura de sempre culpar os outros pelos nossos próprios defeitos. No caso, não são os avaliadores de risco que estão prejudicando o Brasil. Nós já fazemos isso sozinhos com nosso péssimo histórico de pagamentos e a nossa lerdeza em avançar em reformas necessárias. Por outro lado, ele cumpre seu papel de passar otimismo para o mercado e, espere-se, passando informações consistentes para as agências.

Em resposta às declarações do ministro, algumas agências de rating já responderam que apenas uma alteração estatística sem impacto real não pode ser um determinante isolado,

principalmente quando o governo insiste em não encaminhar reformas como a tributária e a trabalhista. No caso da primeira, o mercado continua "enforcado" por uma das maiores cargas tributárias do mundo. Pior: na segunda, estamos andando para trás, com maiores restrições aos contratos de prestações de serviços.

Ainda assim, o avanço brasileiro não pode ser ignorado. E mesmo que o País não consiga o grau de investimento em 2007, a continuar a atual tendência, a mudança de patamar ocorrerá num prazo curto.

O Brasil precisa se preparar para isso. O nosso mercado de câmbio já está pressionado pelas entradas do comércio. Quando houver uma entrada maior de investimentos, isso pode se agravar. Os impactos em preços e salários não serão insignificantes. Vale lembrar que, nesse cenário, as ações serão um ótimo investimento.

* Consultor, especial para Gazeta Mercantil
E-mail: ri@gazetamercantil.com.br

DIVULGAÇÃO EXEMPLAR™ EMPRESAS CERTIFICADAS NET SERVIÇOS

AGENDA DO INVESTIDOR

	Divulgação de resultados	Teleconferências	Firmação com investidores/analistas
Company S/A	—	—	10/04
Grendene	—	—	09/04
Klabin	—	—	04/04
MMX	—	04/04	—
TAM	—	—	04/04

Fonte: www.divulgacaoexemplar.com.br